

O FRUTO DO ESPÍRITO (GI 5.22-25)

Estudo 24 – Nosso manso Salvador

O Museu de Arte Sacra tem um riquíssimo acervo de imagens de santos do catolicismo romano. Boa parte delas é de pinturas e esculturas de Jesus Cristo, de diversas épocas e lugares. Mas um observador atento irá notar que há algo em comum nas representações do Senhor Jesus: quase sempre os artistas o imaginam com um semblante entristecido e um olhar sofredor. Em um mundo no qual a imaginação está povoada dos super-heróis dos quadrinhos e desenhos animados e de policiais durões do cinema, qual o sentido de um salvador cabisbaixo?

Como vocês imaginam Jesus? Forte ou frágil? Voz forte ou delicada? Olhar decidido ou meigo?

Quase fechando a lista de virtudes que compõem o fruto do Espírito, Paulo agora acrescenta mansidão, uma qualidade relacionada à consideração pela fraqueza do outro, à apresentação humilde de brandura e gentileza quando se esperaria rudeza e agressividade.

Ao estudarmos sua virtude-irmã longanimidade, vimos o quanto a paciência de Deus é exaltada no Antigo Testamento. No caso da mansidão, temos também alguns relances de sua mansidão. Nos salmos, por exemplo, encontramos a figura do pastor que suavemente conduz sua ovelha amada por caminhos tranquilos, seguros e aprazíveis (Sl 23.2-4); e do pai que gentilmente tolera as tolices de suas crianças (Sl 103.13,14).

Ao ensinar sobre a forma como Deus se revelou por meio de sinais visíveis e da Escritura, João Calvino (1509-1564) dizia que o Senhor era como uma babá que desce sua linguagem ao nível das crianças, para ser entendida. Nesse caso, vemos a mansidão divina em cada ato revelatório.

Contudo, é no Novo Testamento que a virtude da mansidão é mais intimamente associada a Deus, por meio do Senhor Jesus. É ele mesmo quem declara: “Eu sou *manso* e humilde de coração” (Mt 11.29). Em seu ministério, Jesus cumpriu mansamente a profecia messiânica de Isaías: “Eis aqui o meu servo, que escolhi, o meu amado, em quem a minha alma se compraz. Não contenderá, nem gritará, nem alguém ouvirá nas praças a sua voz. Não esmagará a cana quebrada, nem apagará a torcida que fumege, até que faça vencedor o juízo” (Is 42.1-4; Mt 12.18-20).

Vemos isso no seu encontro com a samaritana: Ela o tratou com preconceito por ele ser judeu, mas ele se manteve gentil e acessível (Jo 4.7-10); ele sabia que da condição desonrosa dela, mas continuou tratando-a com um respeito que espantava os demais (v.16-18,27). Vemos isso nos embates com seus adversários. Mesmo em casos extremos, como quando queriam mata-lo, ele mantinha o diálogo e, em último caso simplesmente se afastava ou se escondia até que as pessoas se acalmassem (Jo 8.40,59; Lc 4.29,30).

E, no final, sua mansidão foi um dos motivos pelos quais uma parcela dos judeus o rejeitou como Messias. Afinal, eles aguardavam um Rei-Guerreiro, que os libertasse do jugo romano e os reconduzisse a uma era de domínio e grandeza, maior que a de Davi e Salomão! Mas Cristo recusou se amoldar às expectativas da multidão, e quis enfatizar justamente sua mansidão ao entrar em Jerusalém como o Rei humilde, montado em um jumentinho (Mt 21.5).

Porém, a mansidão de Jesus foi testada mais intensamente em sua prisão, julgamento e crucificação. Quando foi preso, poderia ter chamado milhares de anjos para protegê-lo, mas não o fez (Mt 26.53-54). Ao ser julgado (tanto pelo tribunal judaico quanto pelo romano), poderia ter respondido às acusações injustas com indignação, mas na maior parte do tempo permaneceu calado (Mt 26.63).

Quando o pregaram na cruz, poderia ter amaldiçoado seus inimigos, mas preferiu suplicar ao Pai que os perdoasse (Lc 23.34). E, em meio à agonia da cruz, pensou nas necessidades de sua mãe e a confiou aos cuidados de um de seus discípulos (Jo 19.26-27).

Em sua morte, Jesus cumpriu mansamente outra profecia messiânica de Isaías: “Foi levado como ovelha ao matadouro; e, como um cordeiro mudo perante o seu tosquiador, assim ele não abriu a boca. Na sua humilhação, lhe negaram justiça; quem lhe poderá descrever a geração? Porque da terra a sua vida é tirada” (Is 53.7,8; At 8.32-35).

Depois de haver traído seu Mestre, Pedro imaginou que não havia lugar pra ele entre os discípulos. Mas o Cristo ressurreto reafirmaria seu amor pelo discípulo caído e mansamente o restauraria (Jo 21.15-17). Ainda hoje, todas as vezes que pecamos podemos contar que Jesus está à direita de Deus, intercedendo mansamente por nós (1Jo 2.1).

APLICAÇÃO

Algumas pessoas têm uma imagem de Deus como o Rei-Juiz soberano, sempre pronto a julgar e condenar; mas nosso manso Salvador corrige essa imagem para nós. Como a mansidão de Jesus pode incentivar a nossa comunhão com Deus?

Pr. Alceu Lourenço